

DEPOIMENTO DE UM AMADOR

Wissenschaftliche Arbeit ist der Idee nach geistig, d.h., sie ist bezogen das ganze Sichtbare.
K. Jaspers

Nunca pude entender o estudo e o ensino da ciência sem o correspondente estudo e ensino de sua história. Se não me refiro à "grande História da Ciência", que é quase a busca de uma teoria da descoberta científica e da natureza desse processo, também não estou pensando nas mortas cronologias que certos compêndios apresentam como "histórico" de cada capítulo.

Penso naquele tipo de história que tem como pano de fundo o ambiente da época e procura ver, tanto quanto a experiência e as idéias de cada cientista, a luta deste para descobrir o que lhe parece a verdade, seja a partir de puras especulações, seja por inspiração da experiência e do pensamento de outros. Sem falar, é claro, nas repercussões sociais e políticas de cada avanço fundamental.

Sem essa penetração pela história a ciência torna-se quase estéril para os que a praticam e desinteressante para os que a aprendem. Porque uns e outros deixam de perceber que há beleza no pensamento científico e que a ciência é, no fundo, uma obra de arte.

Aqui não interessa falar dos meios pelos quais se pode operar a associação da ciência com a história. Muito já se tem escrito a esse respeito. Apenas desejo recordar que convém principiar o mais cedo possível essa ligação, de modo que precocemente se dissipe a noção de que a ciência é mero amontoado de fatos e teorias, sem nada de profundamente humano. Como

apreciar devidamente o fenômeno da microbiologia nascente sem conhecer bem a personalidade de Leeuwenkork e o meio que o cercava, ou, quando esse ramo se afirmou como ciência definida, as lutas de Pasteur para construir seu sistema e convencer um mundo céptico, ainda povoado de miasmas?

Infelizmente, assim como existem entomólogos e ornitólogos que descrevem com todo o rigor terminológico as estruturas e formas com que lidam, sem qualquer sinal de admiração por sua beleza e harmonia, também há os que se engolfam num resíduo de especialidade sem buscar o que de mais amplo possa ele conter.

A essa atitude sempre foi avesso meu espírito, desde a juventude interessado não apenas nos resultados da ciência mas também na vida de seus processos, no choque das inteligências que a construíram, nas condições em que o fizeram. Tornei-me assim amador da História da Ciência e mais tarde, como divulgador científico, naturalmente fui levado mais de uma vez a tratar dessa história, tão importante.

Por essa época já me saltara o espírito a dúvida quanto à propriedade dos textos de História que omitem a parte relativa aos progressos científicos, ou os reduzem a simples enumeração de nomes, isolados de seus feitos. Esses compêndios não me pareciam de real valor para o estudante, salvo para o efeito de encher os quadradinhos das folhas de exame, nos testes de múltipla escolha mal organizados. Soavam dentro de mim as palavras do célebre naturalista J.H. Fabre, que acusa a História de registrar os nomes dos bastardos reais porém nada nos diz sobre a origem

do trigo.

Quando, como primeiro professor de Ciência da Administração na Universidade de São Paulo, planejei o Instituto de Administração, como desenvolvimento do núcleo de pesquisa que começara a formar no extinto Departamento de Serviço Público, era minha intenção dispor de um grupo interdisciplinar essencialmente interessado no Trabalho. Não deixei de agregar a esse conjunto, em que havia jurista, sociólogo, psicólogo, administrador e outros especialistas, um setor de História, tendo em vista principalmente a relativa aos meios de trabalho no Brasil e outros aspectos de nossa vida administrativa e econômica.

Apesar desses meus modestos interesses, não foi sem muita surpresa que certa vez recebi convite do prof. Eurípedes Simões de Paula para fazer uma preleção na Sociedade de Estudos Históricos sobre a História e o ensino da Ciência. Percebi então de maneira muito clara a magnanimidade daquela criatura que, historiador de grandes méritos e professor dessa matéria na Universidade, estendia a mão, num gesto de apreço e estímulo, a um simples amador.

Certamente não correspondi à expectativa, mas fui pelo menos sincero na exposição de minhas idéias, de minha maneira de ver as coisas. Para mim, aquela oportunidade era a de uma profissão de fé, especialmente naquilo que o prof. Eurípedes tão bem representava--o valor do Humanismo, sem o qual a Ciência não pode medrar utilmente.

Passei a interessar-me mais, muito mais, por aquele homem que, acima de erudito, era bom e acreditava numa ciência sem

barreiras e, em particular, sem muros entre o que se chama de social e de físico e natural. O que para mim sempre fora um todo, um todo que urgia integrar/cada vez melhor, também o era de maneira para o professor Simões de Paula e explica talvez algumas de suas alegadas, porém não reais, fraquezas.

Que fraquezas são essas? Cito apenas uma, a compreensão que o levava a abrigar nas páginas de sua Revista de História--gigantesco esforço pessoal--algumas vezes trabalhos que alguns rigoristas considerariam de menor valor, ou mesmo rejeitáveis. Com essa generosidade não diminuiu a grandeza de sua Revista mas deu a muito jovem o estímulo para uma escalada sadia na ciência da História, mercê do aperfeiçoamento conseguido a partir daquela tímida iniciativa. Não posso deixar de recordar a alegria com que o prof. Adriano Marchini, presidente da Comissão Permanente do Regime de Tempo Integral, procurava animar os jovens que se apresentavam à entrevista menos bem providos de bagagem científica, proclamando que se lhes daria um crédito de confiança. O prof. Eurípedes, que também participou da Comissão, certamente apoiava a atitude do ilustre tecnologista. Há, nessa compreensão, muito mais do que bondade. Nela existe o verdadeiro espírito universitário, feito, não da pompa e da retina dos títulos, mas do amor do convívio com a inteligência, amor que orienta sem doutrinar.

O crédito de confiança que ele me concedeu com o convite que acima referi, serviu certamente de inspiração para que me dedicasse com afincos cada vez maior à História da Ciência em seus mais variados aspectos, terreno que sempre me fascinou mas

no qual, insisto, jamais passei de amador.

Continuei por isso a incentivar, na medida de minhas forças, o estudo associado da Ciência e da História e tive a felicidade de ver que em várias feiras de ciência que tanto animei, essa idéia ganhou raízes, seja pela encenação de velhas experiências, seja pela inspiração histórica dada a toda a feira, como por exemplo, naquelas que giravam em torno da história da comunidade em que se realizavam.

À medida que me aprofundava no estudo da História da Ciência e me encantava com a filiação das idéias e técnicas, à maneira de Bernal e outros, passei a sentir que o Brasil se ressentia da falta de um esforço permanente de pesquisa da história de sua ainda nova ciência. Impossível omitir o grande Fernando de Azevedo, feito de/arrolando e tentando interpretar tudo quanto se conseguira em nosso acervo científico. Era, porém, esforço quase isolado e naturalmente não podia descer a pormenores que me parecem importantes, como a história das instituições, capazes de explicar, quem sabe, o fenômeno tão comum do episódismo de tantos centros de pesquisa, que florescem e atingem rapidamente o fastígio para depois murcharem. Como criar uma política de ciência sem dispor de elementos dessa ordem e não apenas dos fatos acumulados pelos que, estrangeiros ou nacionais, aqui trabalharam nos vários ramos da Ciência?

Passei a meditar na conveniência de as universidades dedicarem algum tempo não apenas à História da Ciência em geral (já existem, felizmente, alguns começos dignos de encômio) mas

também, particularmente, à História da Ciência no Brasil. Nela se encontram muitos filões que, explorados convenientemente, fornecerão muito material de primeira qualidade.

Foi com imensa alegria que soube, não faz muito tempo, que o prof. Eurípedes Simões de Paula decidira abrigar em seu Departamento um grupo de história e filosofia da ciência e que a esse grupo também interessava a história da ciência no Brasil. Tive oportunidade de cooperar algumas vezes nesse belo esforço. Espero que o núcleo prospere, mesmo depois de fechadas para sempre as asas que carinhosamente proteíam esse ideal.

Gosto de pensar na universidade como num edifício de muitas janelas abertas. Quando soube que o professor Eurípedes fora roubado ao nosso convívio físico, tive a impressão de que se fechara uma das mais amplas janelas da Universidade de São Paulo. Mas o ar que aquela janela deixou entrar, as sementes que por ela transiteram, isto há de ficar para sempre, a iluminar-nos.

São Paulo, 9 de novembro de 1979

José Reis²

Presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência,
presidente da Academia de Ciências do Estado de São Paulo.